

TEOCENTRISMO E REVOLUÇÃO

FERNANDO WHITAKER DA CUNHA

À memória de Joaquim de Carvalho

Nascido em Amsterdam, em 1632, e falecido em Haia, em 1677, sem nunca ter saído da Holanda, “acompanhando e sentindo como nacional as vicissitudes políticas da pátria de nascimento”, como nota o sábio Joaquim de Carvalho (Obra Completa, I, pg. 372), Baruch Benedictus Espinosa, em abissal vida subjetiva, percorreu intenso roteiro existencial, que é um desafio constante a seus pesquisadores, a partir de suas raízes familiares, pelas quais se interessou Pierre Bayle (“Je n’ai pu apprendre rien de particulier touchant La famille de Spinoza; mais on a lieu de croire qu’elle était pauvre et très-peu considerable”) e que Joaquim de Carvalho acabou por desvendar.

Seu pai Miguel de Espinosa, judeu português, comerciante (a família originária da Espanha emigrou em virtude das perseguições), nasceu em Vidigueira, estabelecendo-se, após estada em Nantes, na Holanda, como tantos outros israelitas, que buscavam a tolerância religiosa e a liberdade de comércio.

A primeira mulher, de seu genitor, Raquel, faleceu em 1627 e, possivelmente, em 1628 casou-se ele com Ana Débora, talvez sua parenta, mãe do filósofo, e que teria ascendência lusa. Sua terceira mulher, Ester, entretanto, era lisboeta e encarregou-se do enteado, que contava 6 anos (a influência portuguesa foi marcante nele; inclusive no que se refere a seu posicionamento mental, bastando lembrar a impressão que lhe causou o trágico fim do atormentado Uriel da Costa, que mereceu de Rui Domingues — Escritos Subjetivos, págs. 296-299: compreensivas e penetrantes linhas) e que teve duas irmãs, Rebeca e Miriam, tendo esta se casado com o judeu português Samuel Caceres, com o qual teve o filho Daniel que, juntamente, com a tia, reclamaria os bens

do notável pensador, “boêmio de claustros cerebrais”, conforme Wilson Coutinho, em excelente poema (“Introdução à adolescência de Spinoza”, na Folha de São Paulo, de 30-09-84), versado em inúmeros idiomas, inclusive o português. A propósito, Marilena Chauí (Da Realidade Sem Mistérios ao Mistério do Mundo, pg. 28, 2ª ed.) escreve: “Dessa maneira, sem negar em momento algum do Teológico — Político que a Sagrada Escritura seja palavra de Deus, a análise do uso da língua indica de modo sutil e indireto a realidade humana do documento judaico-cristão. Não é o racionalista quem o mostra, mas o filólogo”. Observou André Maurois (Voltaire, pg. 9, 3ª ed. argentina) que “Spinoza pôs em sua obra *Ética*, a metafísica em teoremas, corolários e escólios”, mas poderíamos afirmar, que, também, sua vida foi colocada, refinadamente, em termos geométricos, mesmo como uma fuga ao sectarismo, tão comum nas posições teológicas, como asseverou Voltaire, mas, apesar “do uso que fez de uma língua puramente lógica”, como sublinha Silvio de Macedo (“A Linguística Jurídica”, in Rev. da ABLJ, nº 1), demanda ela hermenêutica”.

Euríalo Canabrava (Descartes e Bergson, pg. 160), registra: “Bergson confessa que há em Spinoza qualquer coisa de sutil, de muito leve, de quase etéreo”.

Influenciado por Maiomonides, Leon Hebreu (Leon Abarvanel), Juan del Prado e Descartes (não obstante Schweitzer afirmou que tanto seus predecessores como os de Nietzsche se encontram na China, porque “nesse país a afirmação da vida ensaiou chegar à idéias claras sobre si mesma”) Espinosa fez da sua vida monástica e regrada e de sua densa obra um protesto racional contra a superstição e o medo (que tanto havia marcado Hobbes), pregando um depurado “amor intelectual” por Deus, que tinha algo de aristotélico e de tomista e que em nada se confundia com o ateísmo, da mesma forma que Averrois, ao contrário do que muitos supunham, não negava a intervenção divina.

Einstein confessou que acreditava no Deus de Espinosa “que se revela na harmonia de todo o criado, não em um Deus que se preocupa pelo destino e pelas ações dos homens”.

O pensamento de Descartes, “une physique de l’entendement”, no sentir de Henri Petit (Descartes et Pascal, 1930, pg. 89) foi importante para o genial holandês, a ponto de se indagar quais seriam suas idéias se tivesse escrito antes do autor do “Discours de La Methode” (Bergson: “se Espinosa tivesse vivido antes de Descartes teria escrito sem dúvida alguma coisa diversa do que escreveu, mas vivendo e escrevendo, não deixamos de estar certos de que teríamos o espinosismo”). A ambição de Descartes “est d’abord de voir clair

